

Um experimento de tradução da literatura de massa mediada pela inteligência artificial: o caso de *O assassinato de Roger Ackroyd*, de Agatha Christie

An Experiment in Mass Literature Translation Mediated by Artificial Intelligence: The Case of The Murder of Roger Ackroyd, by Agatha Christie

Vanessa Lopes Lourenço Hanes
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Niterói | RJ | BR
vanessahanes@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-0413-0190>

Resumo: O objetivo do presente estudo foi investigar, sob uma perspectiva descritivista, como uma ferramenta de inteligência artificial generativa traduziria um trecho de uma obra de literatura de massa, pressupondo que este tipo de literatura seria menos desafiadora e complexa e, teoricamente, produziria resultados satisfatórios. Para este fim, um excerto do primeiro capítulo de *The Murder of Roger Ackroyd*, de Agatha Christie, foi traduzido pelo ChatGPT. Os achados da pesquisa indicam que o ChatGPT tem potencial para produzir traduções suficientemente coerentes; entretanto, também deixam claro o papel indispensável do tradutor humano, particularmente no desenvolvimento de *prompts* eficientes e no desempenho de um trabalho essencial de pós-edição.

Palavras-chave: Agatha Christie; literatura de massa; ChatGPT; Estudos Descritivos da Tradução.

Abstract: The objective of this study was to investigate, from a descriptive perspective, how a generative artificial intelligence tool would translate a sample from a work of mass-market literature, under the assumption that this type of text is less challenging and complex and would therefore, in theory, produce satisfactory results. To this end, an excerpt from the first chapter of *The Murder of*



Roger Ackroyd by Agatha Christie was translated using *ChatGPT*. The findings indicate that *ChatGPT* does have the potential to produce sufficiently coherent translations; however, they also underscore the indispensable role of the human translator, particularly in crafting effective prompts and performing essential post-editing.

Keywords: Agatha Christie; mass literature; *ChatGPT*; Estudos Descritivos da Tradução.

Introdução

O presente artigo é fruto da hipótese inicial de que uma ferramenta de inteligência artificial generativa, a saber, o *ChatGPT*, seria capaz de produzir uma tradução satisfatória de uma obra de literatura de massa, ainda que com algumas limitações, uma vez que este tipo de literatura é, segundo Aranha e Batista (2009, p. 121), um “modelo de expressão literária caracterizado pela simplificação formal e acessibilidade da linguagem”, o que, portanto, hipoteticamente não consistiria em um texto com as supostas complexidades de algumas outras formas de literatura. Ademais, Maida e Spornick (1982) descrevem o estilo de escrita de Agatha Christie como simples, direto e conversacional. Porém, a inspiração para que esta hipótese fosse efetivamente e sistematicamente testada baseia-se, na realidade, em contato prévio com a possibilidade de uso de inteligência artificial em uma tradução já publicada, a ser descrita em detalhes na seção a seguir.

A obra da literatura de massa aqui considerada é o romance *The Murder of Roger Ackroyd*, de 1926, da britânica Agatha Christie (1890-1976). A seleção desta obra em específico como *corpus* de pesquisa se dá por conta de, mediante conhecimento anterior da mesma, saber-se de seu potencial desafiador para o tradutor humano e, conseqüentemente, para a ferramenta de tradução artificial, ainda que, claramente, ela se encaixe na classificação de literatura de massa. A presença de ditados e de termos já em desuso no inglês atual, conforme será possível perceber na seção de análise do *corpus*, seriam alguns exemplos dessas possíveis dificuldades.

O objetivo do presente texto é, portanto, verificar como, efetivamente, o *ChatGPT* traduz parte do primeiro capítulo da obra eleita como *corpus*, traçando, a partir daí, conjecturas sobre as possibilidades e os limites dessa tecnologia na prática da tradução da literatura de massa.

A proposta apresentada parte de uma perspectiva descritivista, ou seja, como Holmes (2011) coloca oportunamente, a ideia seria descrever de forma empírica como essas traduções efetivamente se dão, para que seja possível estabelecer princípios para a explicação e previsão dos frutos tradutórios futuros em nossa busca pela compreensão de ferramentas ainda relativamente pouco conhecidas.

O referencial teórico adotado como base principal também advém da corrente dos Estudos Descritivos da Tradução, particularmente lançando mão da abordagem polissistêmica de Even-Zohar (1990) e dos parâmetros propostos por Lambert e van Gorp (1985) para a realização de análises macro e microestruturais de obras literárias traduzidas.

O caso que deu origem ao presente estudo de caso: as traduções da Planet Edition

Como pesquisadora da obra de Agatha Christie publicada no Brasil, procuro me atualizar constantemente quanto às suas traduções. E foi em um desses momentos de atualização, ao pesquisar o site da Amazon em busca de novas traduções das obras de Christie disponibilizadas em tempos recentes, que o interesse que viria a resultar no presente artigo foi despertado.

Dentre os resultados de buscas por traduções recentes de Agatha Christie disponibilizadas para o leitorado brasileiro, resultados os quais, por sinal, têm aumentado grandemente, conforme as obras da autora caem em domínio público, as obras anunciadas por uma editora em específico chamaram a atenção: aquelas da Planet Edition.

Algumas características acerca das obras desta editora se mostraram intrigantes ainda em um nível macroestrutural, bem como acerca do que Even-Zohar (1990) e Lambert e van Gorp (1985) compreenderiam como o seu contexto sistêmico, a saber: não foi possível encontrar informações *online* a respeito da editora e nem da Ale. Mar. Sas, outro nome associado à Planet Edition (não há presença *online* através de sites, mídias sociais etc., exceto para a venda de livros); as obras não trazem indicação de autoria das traduções, embora afirmem que cada tradução é completamente original e realizada para a editora em questão;¹ as obras de Christie disponibilizadas parecem ser somente aquelas em domínio público; há traduções para diversos idiomas, como francês, espanhol, italiano, e alemão, dos mesmos livros, e com as mesmas características gerais, incluindo *layout*; as avaliações dos clientes da Amazon não são tão positivas quanto as obras de Christie costumam incitar em seus leitores, havendo reclamações sobre a qualidade do texto da publicação em diferentes idiomas, e questionamentos inclusive sobre a possibilidade de uso de inteligência artificial por parte dos próprios consumidores;² e, ao considerar paratextos como os títulos das obras, algumas escolhas tradutórias chamam a atenção, e reforçam a crença na possibilidade de uso de inteligência artificial.

Um exemplo que serve para ilustrar essas escolhas pouco usuais, ainda em nível macroestrutural e considerando somente a capa enquanto paratexto, seria a tradução adotada para o livro *The Murder on the Links*, obra de 1923. O termo *link*, no imaginário brasileiro, é primordialmente associado com os *links* utilizados como forma de acesso aos conteúdos virtuais. Assim sendo, provavelmente na imensa maioria das ocorrências em português brasileiro que, teoricamente, alimentaria e informaria um algoritmo para a tradução automática, o termo *link* seria traduzido (ou melhor, não traduzido) como *link*, por conta de um empréstimo já cristalizado no contexto linguístico nacional. Porém, no momento histórico em que Christie escrevia, não havia *links* virtuais, e o uso primordial do termo era em associação com campos de golfe; inclusive, em sua obra, o assassinato em questão ocorre justamente em um campo de golfe. Entretanto, a seleção terminológica usada para a tradução deste livro para o português atribuída à Planet Edition e lançada em 2024 em formato Kindle é *O assassinato nos links*, uma construção que não somente difere daquela pretendida pela autora em seu texto original, mas faria pouco sentido para o leitor brasileiro.

¹ Como é possível verificar na obra *Assassinato nos links*. Acesso em: 9 ago. 2025.

² Um exemplo de acusação por parte de consumidores da Amazon acerca do uso de IA em uma tradução da Planet Edition pode ser conferido clicando *aqui*. Acesso em: 10 ago. 2025.

Diante desta suspeita inicial, pareceu interessante fazer uma breve análise microestrutural de ao menos um dos livros publicados pela editora em questão, para dar continuidade a esse impulso investigativo. Assim, prossegui e baixei o livro *O assassinato de Roger Ackroyd*,³ traduzido pela Planet Edition e disponibilizado em formato *e-book* em 2024, para verificar se, de fato, em um texto que já era de meu conhecimento, encontraria indícios de uma possível tradução automática. Como resultado desse processo, seguem alguns trechos selecionados como exemplos curiosos da tradução em questão, apresentados no Quadro 1:

Quadro 1: Exemplos da tradução de *O assassinato de Roger Ackroyd*, publicada pela Planet Edition

Texto originário dos trechos selecionados	Tradução da Planet Edition (<i>e-book</i> em formato Kindle)
If Caroline ever adopts a crest, I should certainly suggest a mongoose rampant. One might omit the first part of the motto. (p. 2)	Se Carolina algum dia adotar um brasão, eu certamente sugeriria um mangusto desenfreado. <i>Um</i> poderia omitir a primeira parte do lema.
It was really this last named trait of hers which was causing me these pangs of indecision. (p. 2)	Era realmente essa última característica dela que estava me causando essas dores de indecisão.
"You can't know," I snapped. "I didn't know myself until I got there" (p. 3)	"Você não pode saber", eu respondi. " <i>Eu não me conhecia</i> até chegar lá".

Fonte: Elaboração própria.

As escolhas tradutórias destacadas no Quadro 1 reforçaram as suspeitas da possibilidade de utilização de alguma ferramenta de inteligência artificial para a tradução da obra de Christie, por serem, assim como no caso dos *links* mencionado acima, soluções pouco prováveis como primeira opção para o tradutor humano. Afinal, considerando apenas o exemplo da segunda linha, não é algo que nos vem naturalmente pensar em sentir "dores de indecisão". E, nos outros dois casos, os problemas observados na tradução são essencialmente de natureza pronominal, e não seriam os tipos de armadilha tradutória que, convencionalmente, levariam um tradutor humano pouco experiente a se equivocar, pois são construções que soam estranhas no idioma de chegada.

Vale ressaltar que esta possibilidade de uso da inteligência artificial como ferramenta para a tradução de Christie e a consequente obtenção de lucro rápido com a sua obra não surge exatamente como uma surpresa. Afinal, de acordo com Norman (2007), os romances e as coleções de contos de Agatha Christie foram traduzidos para todas as línguas principais do mundo, e já venderam mais de dois bilhões de cópias, sendo superados em números somente pela Bíblia. Seria de se esperar que uma autora de tal proeminência, uma vez em domínio público, abriria portas para diversas modalidades de retradução.

Ademais, a associação entre Christie e a inteligência artificial vem sendo promovida e pensada em diferentes esferas. No *Youtube*, por exemplo, é possível encontrar audiolivros gerados e narrados por inteligência artificial, propostos como uma forma de continuidade da obra de Christie.⁴ O'Neill (2025), sob uma perspectiva mais acadêmica, discute o possível papel da inteligência artificial na forma como a academia e a sociedade em geral interagem com Agatha Christie e os materiais de referência ligados à obra da autora. E, também em

³ Para acessar a amostra disponível para *download* clique *aqui*. Acesso em: 9 ago. 2025.

⁴ Como poder ser visto no vídeo do YouTube clicando *aqui*. Acesso em: 9 ago. 2025.

2025, a plataforma digital de ensino BBC Maestro passou a ofertar um curso de escrita criativa ministrado, supostamente, pela própria Agatha Christie, recriada através de inteligência artificial.⁵ Estes são apenas alguns exemplos do quanto Christie, apesar de ter nascido e morrido muito antes da inteligência artificial generativa surgir, tem sido reinventada e revisitada em diversas frentes com o uso dessas ferramentas tecnológicas.

Retomando mais diretamente o tema do presente artigo, é essencial, entretanto, afirmar que a Planet Edition não assume, em nenhum momento, ter produzido suas traduções através de inteligência artificial, embora, conforme demonstrado, algumas evidências possam levar a pensar nesta possibilidade. E não é a intenção aqui acusar aquela casa editorial de tal prática, até porque, conforme já explanado, a ideia primordial é conduzir um estudo que descreva as informações encontradas, sem juízos de valor dicotômicos e simplistas acerca de traduções boas ou ruins. Assim sendo, diante da impossibilidade de confirmação e da ausência de informações para contato com a editora, surgiu o interesse de verificar como uma inteligência artificial generativa utilizada com grande frequência realmente abordaria a obra da rainha do crime, o que levou ao experimento descrito na seção a seguir.

O experimento: apresentação e análise da abordagem tradutória do *ChatGPT*

Para o teste proposto foram obtidas as quatro primeiras páginas da versão digitalizada da obra *The Murder of Roger Ackroyd*, de Agatha Christie, publicada em 1926 e disponibilizada online através do Projeto Gutenberg.⁶

Optou-se pela utilização da ferramenta *ChatGPT* de inteligência artificial generativa, em detrimento de outras ferramentas, pelo seu uso frequente e popularidade entre a população brasileira. A versão gratuita foi adotada.

O comando inicial dado ao *ChatGPT*, comumente chamado de *prompt*, teve como intenção ser o mais simples e direto possível. Assim, digitou-se o seguinte: “Traduzir para o português brasileiro”. Na sequência, as páginas digitalizadas do livro foram copiadas e coladas na ferramenta para tradução. O resultado foi então tabulado, lado a lado com o texto original para permitir o cotejo, e o quadro resultante segue abaixo (Quadro 2).

⁵ O curso em questão pode ser acessado clicando *aqui*. Acesso em: 9 ago. 2025.

⁶ A versão digitalizada da obra pode ser obtida clicando *aqui*. Acesso em: 9 ago. 2025.

Quadro 2: Tradução de excerto do primeiro capítulo de *The Muder of Roger Ackroyd* gerada pelo ChatGPT (prompt 1)

Texto originário	Primeira tradução do ChatGPT
DR. SHEPPARD AT THE BREAKFAST TABLE Mrs. Ferrars died on the night of the 16th–17th September—a Thursday. I was sent for at eight o'clock on the morning of Friday the 17th. There was nothing to be done. She had been dead some hours. It was just a few minutes after nine when I reached home once more. I opened the front door with my latch-key, and purposely delayed a few moments in the hall, hanging up my hat and the light overcoat that I had deemed a wise precaution against the chill of an early autumn morning. To tell the truth, I was considerably upset and worried. I am not going to pretend that at that moment I foresaw the events of the next few weeks. I emphatically did not do so. But my instinct told me that there were stirring times ahead. From the dining-room on my left there came the rattle of tea-cups and the short, dry cough of my sister Caroline. "Is that you, James?" she called. An unnecessary question, since who else could it be? To tell the truth, it was precisely my sister Caroline who was the cause of my few minutes' delay. The motto of the mongoose family, so Mr. Kipling tells us, is: "Go and find out." If Caroline ever adopts a crest, I should certainly suggest a mongoose rampant. One might omit the first part of the motto. Caroline can do any amount of finding out by sitting placidly at home. I don't know how she manages it, but there it is. I suspect that the servants and the tradesmen constitute her Intelligence Corps. When she goes out, it is not to gather in information, but to spread it. At that, too, she is amazingly expert. It was really this last named trait of hers which was causing me these pangs of indecision. Whatever I told Caroline now concerning the demise of Mrs. Ferrars would be common knowledge all over the village within the space of an hour and a half. As a professional man, I naturally aim at discretion. Therefore I have got into the habit of continually withholding all information possible from my sister. She usually finds out just the same, but I have the moral satisfaction of knowing that I am in no way to blame. Mrs. Ferrars' husband died just over a year ago, and Caroline has constantly asserted, without the least foundation for the assertion, that his wife poisoned him. She scorns my invariable rejoinder that Mr. Ferrars died of acute gastritis, helped on by habitual over-indulgence in alcoholic beverages. The symptoms of gastritis and arsenical poisoning are not, I agree, unlike, but Caroline bases her accusation on quite different lines.	DR. SHEPPARD À MESA DO CAFÉ DA MANHÃ A Sra. Ferrars morreu na noite de 16 para 17 de setembro — uma quinta-feira. Fui chamado às oito horas da manhã de sexta-feira, 17. Não havia nada a fazer. Ela já estava morta havia algumas horas. Era pouco depois das nove quando cheguei em casa novamente. Abri a porta da frente com minha chave e, de propósito, demorei alguns minutos no hall, pendurando meu chapéu e o leve sobretudo que considerei uma precaução sensata <i>contra o frio de uma manhã de outono precoce</i>. Para dizer a verdade, eu estava bastante perturbado e preocupado. Não vou fingir que, naquele momento, eu previa os acontecimentos das semanas seguintes. Definitivamente, não previa. Mas meu instinto me dizia que tempos agitados estavam por vir. Da sala de jantar, à minha esquerda, veio o tilintar de xícaras de chá e a tosse curta e seca de minha irmã Caroline. — É você, James? — ela chamou. Uma pergunta desnecessária, já que quem mais poderia ser? Para falar a verdade, era justamente minha irmã Caroline o motivo do meu breve atraso. O lema da família dos mangustos, segundo nos conta o Sr. Kipling, é: "Vá e descubra". Se Caroline algum dia adotar um brasão, eu certamente sugeria um mangusto rampante. Poderia até omitir a primeira parte do lema. Caroline é capaz de descobrir qualquer coisa sentada tranquilamente em casa. Não sei como ela faz isso, mas é assim. Suspeito que os empregados e os comerciantes formem o seu Corpo de Inteligência. Quando ela sai, não é para colher informações, e sim para espalhá-las. E nisso, também, ela é incrivelmente habilidosa. Foi justamente essa última característica dela que me causava essas pontadas de indecisão. Tudo o que eu contasse agora a Caroline sobre a morte da Sra. Ferrars se tornaria conhecimento geral em toda a <i>aldeia</i> no espaço de uma hora e meia. Como profissional, é claro que prezo a discrição. Por isso, tenho o hábito de ocultar dela todas as informações possíveis. Normalmente, ela acaba descobrindo do mesmo jeito, mas pelo menos tenho a satisfação moral de saber que a culpa não foi minha. O marido da Sra. Ferrars morreu pouco mais de um ano atrás, e Caroline sempre afirmou, sem qualquer fundamento, que a esposa o havia envenenado. Ela despreza minha réplica invariável de que o Sr. Ferrars morreu de gastrite aguda, agravada pelo hábito de se exceder no consumo de bebidas alcoólicas. É verdade que os sintomas de gastrite e de envenenamento por arsênico não são muito diferentes, mas Caroline baseia sua acusação em um raciocínio completamente distinto.

"You've only got to look at her," I have heard her say. Mrs. Ferrars, though not in her first youth, was a very attractive woman, and her clothes, though simple, always seemed to fit her very well, but all the same, lots of women buy their clothes in Paris and have not, on that account, necessarily poisoned their husbands. As I stood hesitating in the hall, with all this passing through my mind, Caroline's voice came again, with a sharper note in it.

"What on earth are you doing out there, James? Why don't you come and get your breakfast?"

"Just coming, my dear," I said hastily. "I've been hanging up my overcoat."

"You could have hung up half a dozen overcoats in this time."

She was quite right. I could have.

I walked into the dining-room, gave Caroline the accustomed peck on the cheek, and sat down to eggs and bacon. The bacon was rather cold.

"You've had an early call," remarked Caroline.

"Yes," I said. "King's Paddock. Mrs. Ferrars."

"I know," said my sister.

"How did you know?"

"Annie told me."

Annie is the house parlormaid. A nice girl, but an inveterate talker.

There was a pause. I continued to eat eggs and bacon. My sister's nose, which is long and thin, quivered a little at the tip, as it always does when she is interested or excited over anything.

"Well?" she demanded.

"A bad business. Nothing to be done. Must have died in her sleep."

"I know," said my sister again.

This time I was annoyed.

"You can't know," I snapped. "I didn't know myself until I got there, and I haven't mentioned it to a soul yet. If that girl Annie knows, she must be a clairvoyant."

"It wasn't Annie who told me. It was the milkman. He had it from the Ferrars' cook."

As I say, there is no need for Caroline to go out to get information. She sits at home, and it comes to her.

My sister continued:

"What did she die of? Heart failure?"

"Didn't the milkman tell you that?" I inquired sarcastically.

Sarcasm is wasted on Caroline. She takes it seriously and answers accordingly.

"He didn't know," she explained.

— Basta olhar para ela — já ouvi minha irmã dizer.

A Sra. Ferrars, embora não fosse mais jovem, era uma mulher muito atraente, e suas roupas, embora simples, sempre pareciam cair muito bem. Mas, ainda assim, muitas mulheres compram roupas em Paris sem que isso signifique, necessariamente, que tenham envenenado o marido.

Enquanto eu hesitava no hall, com tudo isso passando pela minha cabeça, a voz de Caroline veio novamente, agora com um tom mais agudo.

— O que é que você está fazendo aí, James? Por que não vem tomar seu café?

— Já estou indo, minha querida — respondi apressado. — Estava pendurando o meu sobretudo.

— Nesse tempo, dava para pendurar meia dúzia de sobretudos.

Ela tinha toda razão. Dava mesmo.

Entreí na sala de jantar, dei a Caroline o costureiro beijo rápido na bochecha e me sentei diante de ovos com bacon. O bacon estava um pouco frio.

— Você *teve um chamado* cedo hoje — comentou Caroline.

— Sim — respondi. — King's Paddock. A Sra. Ferrars.

— Eu sei — disse minha irmã.

— Como você sabe?

— A Annie me contou.

Annie é a criada que serve à mesa. Uma boa moça, mas faladeira inveterada.

Houve uma pausa. Continuei comendo ovos e bacon. O nariz de Caroline, comprido e fino, tremeu um pouco na ponta, como sempre acontece quando ela está interessada ou empolgada com alguma coisa.

— E então? — ela insistiu.

— *Um caso ruim*. Nada a fazer. Deve ter morrido dormindo.

— Eu sei — disse minha irmã novamente.

Dessa vez, fiquei irritado.

— Você não pode saber — retruquei, rispidamente.

— Eu mesmo só soube quando cheguei lá, e ainda não falei nada para ninguém. Se a Annie sabe, deve ser vidente.

— Não foi a Annie que me contou. Foi o leiteiro. Ele soube com a cozinheira dos Ferrars.

Como eu disse, Caroline não precisa sair para obter informações. Ela fica em casa, e elas chegam até ela. Minha irmã prosseguiu:

— De que ela morreu? *Falha cardíaca*?

— O leiteiro não te contou isso? — perguntei, com sarcasmo.

O sarcasmo é perdido com Caroline. Ela leva a sério e responde do mesmo jeito.

— Ele não sabia — explicou.

Fonte: Elaboração própria.

A tradução acima confirma integralmente a hipótese inicial levantada: a inteligência artificial foi capaz de produzir uma tradução compreensível e razoável do trecho da obra de literatura de massa em questão, mas com alguns pontos em suas escolhas tradutórias que indicariam o uso do elemento não humano na tradução. Seis ocorrências dessa natureza

foram destacadas no quadro acima, e serão brevemente debatidas aqui. As traduções humanas dessas ocorrências, encontradas na edição de *O assassinato de Roger Ackroyd* da Editora Globo, em tradução feita por Renato Rezende e publicada em 2007, serão também utilizadas como material de apoio para a análise que segue.

A primeira ocorrência selecionada, por causar estranhamento, é a tradução de “against the chill of an early autumn morning” como “contra o frio de uma manhã de outono precoce”. Percebe-se aqui que a ferramenta de inteligência artificial não identificou corretamente ao que se referia o termo “early”, dando em sua tradução a impressão de que o narrador estaria se referindo ao fato de o outono ter chegado precocemente, embora, no texto originário, “early” estivesse se referindo ao começo da manhã, enfatizando que algo ocorreu bem cedo. De qualquer maneira, o uso de “precoce” em si causaria estranhamento, ainda que fosse adaptado para se referir à manhã, por não ser uma colocação usual. Rezende (2007, p. 4), em sua tradução, adotou “a friagem do início de uma manhã outonal”.

O próximo ponto que chama a atenção destacado para consideração é a tradução de “village” como “aldeia”. O estranhamento neste caso vem do fato de, em português brasileiro, o termo “aldeia” comumente trazer à mente um local rural e pouco desenvolvido, ou, ainda, um povoado habitado exclusivamente por indígenas (com base em definições dicionarizadas).⁷ Essas duas acepções mais comuns do termo não parecem se encaixar exatamente com o povoado europeu sendo descrito por Christie, em especial devido à segunda possibilidade de entendimento mencionada, aquela de uma população de nativos brasileiros, o que certamente levaria, por consequência, o tradutor humano a buscar outras alternativas tradutórias, como se deu com Rezende (2007, p. 5), que optou pelo uso de “cidade”.

O terceiro exemplo tradutório selecionado para análise gira em torno de uma construção verbal: a tradução de “You’ve had an early call” como “Você teve um chamado cedo hoje”. A tradução dos tempos perfeitos da língua inglesa para o português brasileiro se constitui em um desafio mesmo para tradutores humanos, que tendem a se apegar à literalidade e traduzir o verbo auxiliar “have” necessariamente como “ter”, o que resulta em construções gramaticais pouco usuais em diversas ocasiões. Mas, mesmo em casos de uso nos quais o “have” também aparece como verbo principal, como no exemplo aqui considerado, há a tendência de traduzi-lo como “ter” de forma mais literal, o que ocorre no texto gerado pela inteligência artificial. Essa possível dificuldade tradutória para humanos pode ser vista, inclusive, na solução adotada por Rezende (2007, p. 6), na qual se lê “Você teve um chamado cedo”. Por outro lado, o acréscimo de “hoje” por parte da inteligência artificial para demonstrar que o tempo verbal se refere a um momento recente é realmente um ponto positivo na tradução, no qual a inteligência artificial parece realizar uma forma de clarificação (Berman, 2013).

No caso da tradução de “A bad business” como “Um caso ruim”, percebe-se que há uma abordagem mista, uma vez que o adjetivo “bad” foi traduzido como “ruim”, transposição bastante literal, enquanto que “business” foi traduzido pela inteligência artificial como “caso”, talvez por ter, contextualmente, compreendido se tratar de uma situação médica e adotado um termo que se adequasse. O entendimento da inteligência artificial se aproximou, curiosamente, àquele de Rezende (2007, p. 5), que optou pela tradução “Um caso muito ruim”. Entretanto, mesmo com esse hipotético esforço contextual por parte da ferramenta tecno-

⁷ Uma definição de aldeia que permite os entendimentos aqui mencionados pode ser encontrada no dicionário Michaelis online, no link: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Oe2y>. Acesso em: 10 ago. 2025.

lógica que a aproxima da solução humana, o resultado final ainda é pouco usual, já que “bad business” foi utilizado no texto originário como uma expressão idiomática que pode se referir a más notícias, ou a uma situação complicada, o que parece ter escapado ao entendimento da inteligência artificial e, nesse caso, mesmo do tradutor humano.

A quinta ocorrência selecionada no *corpus* foi a tradução de “heart failure” como “falha cardíaca”, que mais uma vez reforça a tendência à extrema literalidade da inteligência artificial, uma vez que se trata de algo compreensível, mas, definitivamente, muito distante das opções tradutórias que seriam adotadas por humanos ao pensar em problemas cardíacos, seja em termos mais técnicos ou em um linguajar mais popular. A solução de Rezende (2007, p. 6), ao traduzir o termo como “ataque cardíaco”, retrata muito bem a distância entre as escolhas.

A literalidade continua sendo a tônica no último exemplo selecionado, que se trata da tradução de “Sarcasm is wasted on Caroline” como “O sarcasmo é perdido com Caroline”. Novamente, nota-se que houve uma adequação no uso da preposição correta, e nisso a inteligência artificial não foi literal, mas a utilização de “perder” em uma construção passiva soa bastante estranho ao leitor brasileiro, e não aparenta ser uma escolha que figuraria no topo das opções de um tradutor humano. De fato, a solução de Rezende (2007, p. 6), “Sarcasmo é perda de tempo com Caroline”, traz a naturalidade do português brasileiro à tradução.

Através dos exemplos analisados acima é possível concluir que a primeira versão da tradução gerada pelo *ChatGPT* teve pontos bastante positivos, mas, por outro lado, claramente comete alguns deslizes que permitem a identificação do agente não humano. Vale apontar, ainda, que esta primeira versão apresenta menos deslizes do que aquela publicada pela Planet Edition, o que leva a crer que eles efetivamente não utilizaram o *ChatGPT* em sua versão atual para a tradução e que, caso tenham efetivamente lançado mão de alguma ferramenta de inteligência artificial, conforme as evidências parecem indicar, a ferramenta utilizada seria menos sofisticada do que o *ChatGPT* atual, uma vez que o tipo de problemas observados na tradução da Planet Edition (incoerências de uso pronominal, por exemplo) não se repete na tradução gerada pelo *ChatGPT*.

Todavia, esse não seria ainda o fim do experimento proposto. Isso pois, após apresentar a sua tradução inicial, o *ChatGPT* automaticamente se ofereceu para criar outra tradução. Os termos da oferta foram os seguintes: “Se quiser, posso também adaptar o português para soar mais fluente e moderno, mantendo o tom original, mas eliminando algumas construções mais literais. Isso deixaria a leitura mais natural para um leitor brasileiro contemporâneo. Quer que eu faça essa adaptação?”. Diante de tal oferta, respondi que “sim”, utilizando somente esta palavra, para que fosse possível comparar como essa eliminação da literalidade, em especial, se daria. O resultado dessa segunda versão do texto é apresentado no quadro abaixo (Quadro 3):

Quadro 3: Tradução de excerto do primeiro capítulo de *The Muder of Roger Ackroyd* gerada pelo ChatGPT (prompt 2)

Texto originário	Segunda tradução do ChatGPT
DR. SHEPPARD AT THE BREAKFAST TABLE Mrs. Ferrars died on the night of the 16th—17th September—a Thursday. I was sent for at eight o'clock on the morning of Friday the 17th. There was nothing to be done. She had been dead some hours. It was just a few minutes after nine when I reached home once more. I opened the front door with my latch-key, and purposely delayed a few moments in the hall, hanging up my hat and the light overcoat that I had deemed a wise precaution against the chill of an early autumn morning. To tell the truth, I was considerably upset and worried. I am not going to pretend that at that moment I foresaw the events of the next few weeks. I emphatically did not do so. But my instinct told me that there were stirring times ahead. From the dining-room on my left there came the rattle of tea-cups and the short, dry cough of my sister Caroline. "Is that you, James?" she called. An unnecessary question, since who else could it be? To tell the truth, it was precisely my sister Caroline who was the cause of my few minutes' delay. The motto of the mongoose family, so Mr. Kipling tells us, is: "Go and find out." If Caroline ever adopts a crest, I should certainly suggest a mongoose rampant. One might omit the first part of the motto. Caroline can do any amount of finding out by sitting placidly at home. I don't know how she manages it, but there it is. I suspect that the servants and the tradesmen constitute her Intelligence Corps. When she goes out, it is not to gather in information, but to spread it. At that, too, she is amazingly expert. It was really this last named trait of hers which was causing me these pangs of indecision. Whatever I told Caroline now concerning the demise of Mrs. Ferrars would be common knowledge all over the village within the space of an hour and a half. As a professional man, I naturally aim at discretion. Therefore I have got into the habit of continually withholding all information possible from my sister. She usually finds out just the same, but I have the moral satisfaction of knowing that I am in no way to blame. Mrs. Ferrars' husband died just over a year ago, and Caroline has constantly asserted, without the least foundation for the assertion, that his wife poisoned him. She scorns my invariable rejoinder that Mr. Ferrars died of acute gastritis, helped on by habitual over-indulgence in alcoholic beverages. The symptoms of gastritis and arsenical poisoning are not, I agree, unlike, but Caroline bases her accusation on quite different lines.	DR. SHEPPARD À MESA DO CAFÉ DA MANHÃ A Sra. Ferrars morreu na noite de 16 para 17 de setembro — uma quinta-feira. Fui chamado às oito da manhã de sexta-feira, dia 17. Não havia nada a fazer. Ela já estava morta havia algumas horas. Pouco depois das nove, cheguei de volta em casa. Abri a porta com minha chave e, de propósito, fiquei mais um tempinho no hall, pendurando o chapéu e o sobretudo leve que levei <i>para me proteger do frio daquela manhã de outono</i>. Para ser sincero, eu estava bem abalado e preocupado. Não vou fingir que, naquele momento, imaginei o que estava por vir nas semanas seguintes — definitivamente não. Mas meu instinto me dizia que tempos agitados se aproximavam. Da sala de jantar, à esquerda, ouvi o tilintar de xícaras e a tosse curta e seca da minha irmã Caroline. — É você, James? — ela chamou. Uma pergunta desnecessária, já que quem mais poderia ser? Na verdade, foi justamente por causa dela que eu me demorei um pouco. O lema da família dos mangustos, segundo Kipling, é: "Vá e descubra". Se Caroline tivesse um brasão, eu sugeriria um mangusto de pé, pronto para agir. Aliás, ela poderia até dispensar a primeira parte do lema: Caroline descobre qualquer coisa sem sair de casa. Não sei como consegue, mas consegue. Aposto que os empregados e comerciantes da região formam seu "serviço de inteligência". Quando ela sai, não é para buscar notícias, e sim para espalhá-las — e nisso é craque. Foi justamente esse talento que me deixou em dúvida. Tudo o que eu contasse agora sobre a morte da Sra. Ferrars se espalharia pela <i>vila</i> inteira em no máximo uma hora e meia. Como profissional, prezo a discrição. Por isso, costumo esconder dela tudo o que posso. Ela quase sempre acaba descobrindo do mesmo jeito, mas pelo menos tenho a satisfação de saber que não foi por minha culpa. O marido da Sra. Ferrars morreu pouco mais de um ano atrás, e Caroline sempre afirmou — sem nenhuma prova — que ela o havia envenenado. Ela despreza minha resposta padrão: que o Sr. Ferrars morreu de gastrite aguda, agravada pelo excesso de bebida. É verdade que os sintomas de gastrite e envenenamento por arsênico podem parecer parecidos, mas Caroline se apoia em outro tipo de argumento. — Basta olhar para ela — já ouvi minha irmã dizer. A Sra. Ferrars, embora não fosse mais jovem, era muito atraente, e suas roupas, simples mas bem cortadas, caíam perfeitamente. Mas, convenhamos, muitas mulheres compram roupas em Paris e nem por isso envenenam os maridos.

"You've only got to look at her," I have heard her say. Mrs. Ferrars, though not in her first youth, was a very attractive woman, and her clothes, though simple, always seemed to fit her very well, but all the same, lots of women buy their clothes in Paris and have not, on that account, necessarily poisoned their husbands. As I stood hesitating in the hall, with all this passing through my mind, Caroline's voice came again, with a sharper note in it.

"What on earth are you doing out there, James? Why don't you come and get your breakfast?"

"Just coming, my dear," I said hastily. "I've been hanging up my overcoat."

"You could have hung up half a dozen overcoats in this time."

She was quite right. I could have.

I walked into the dining-room, gave Caroline the accustomed peck on the cheek, and sat down to eggs and bacon. The bacon was rather cold.

"You've had an early call," remarked Caroline.

"Yes," I said. "King's Paddock. Mrs. Ferrars."

"I know," said my sister.

"How did you know?"

"Annie told me."

Annie is the house parlormaid. A nice girl, but an inveterate talker.

There was a pause. I continued to eat eggs and bacon. My sister's nose, which is long and thin, quivered a little at the tip, as it always does when she is interested or excited over anything.

"Well?" she demanded.

"A bad business. Nothing to be done. Must have died in her sleep."

"I know," said my sister again.

This time I was annoyed.

"You can't know," I snapped. "I didn't know myself until I got there, and I haven't mentioned it to a soul yet. If that girl Annie knows, she must be a clairvoyant."

"It wasn't Annie who told me. It was the milkman. He had it from the Ferrars' cook."

As I say, there is no need for Caroline to go out to get information. She sits at home, and it comes to her.

My sister continued:

"What did she die of? Heart failure?"

"Didn't the milkman tell you that?" I inquired sarcastically.

Sarcasm is wasted on Caroline. She takes it seriously and answers accordingly.

"He didn't know," she explained.

Enquanto eu hesitava no hall, pensando nisso tudo, Caroline chamou de novo, agora com um tom mais impaciente:

— O que você está fazendo aí, James? Por que não vem tomar café?

— Já vou, minha querida — respondi depressa. — Estava pendurando o sobretudo.

— Nesse tempo, dava para pendurar meia dúzia — retrucou ela.

Ela tinha razão.

Entrei na sala de jantar, dei a Caroline o tradicional beijo rápido na bochecha e me sentei diante de ovos com bacon — que já estavam um pouco frios.

— *Te chamaram cedo hoje* — comentou Caroline.

— Sim. King's Paddock. A Sra. Ferrars.

— Eu sei — disse ela.

— Como você sabe?

— A Annie me contou.

Annie é a empregada que serve à mesa. Boa menina, mas fala demais.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Continuei comendo. O nariz comprido e fino de Caroline começou a tremer na ponta — sinal de que estava curiosa ou animada.

— E então? — ela insistiu.

— *Caso sério*. Nada a fazer. Deve ter morrido dormindo.

— Eu sei — repetiu ela.

Dessa vez, me irritei.

— Não pode saber — respondi seco. — Eu mesmo só soube quando cheguei lá, e ainda não falei nada pra ninguém. Se a Annie sabe, deve ser vidente.

— Não foi a Annie. Foi o leiteiro. Ele soube pela cozinha dos Ferrars.

Como eu disse, Caroline não precisa sair para conseguir informação. Ela fica em casa, e as notícias vêm até ela.

— E de que ela morreu? *Ataque do coração?*

— perguntou.

— O leiteiro não te contou isso? — perguntei, irônico.

O sarcasmo, com Caroline, não funciona: ela leva a sério e responde normalmente.

— Ele não sabia — explicou.

Fonte: Elaboração própria.

As diferenças observáveis nesta segunda tradução são consideráveis. Por questões espaciais, iremos nos ater aqui primordialmente à abordagem adotada nos mesmos seis exemplos selecionados a partir da primeira tradução.

Com relação à tradução de "against the chill of an early autumn morning", a confusão acerca de "early" parece ter sido erradicada do texto traduzido, ao utilizar "para me proteger do frio daquela manhã de outono". Esta erradicação se deu, entretanto, por conta de uma omissão: o termo "early" deixa de aparecer no texto em português.

As dificuldades causadas pelo uso de “aldeia” se dissipam com a nova tradução adotada para “village”, vertido aqui como “vila”, termo que remete inclusive a sofisticados condomínios residenciais da contemporaneidade e, provavelmente, aproxima-se mais daquilo que Christie tinha a intenção de transmitir.

A construção verbal espinhosa encontrada em “You’ve had an early call”, por sua vez, é solucionada com uma substituição verbal mais usual: “Te chamaram cedo hoje”, a qual, por sinal, mantém a mesma clarificação anteriormente observada através do acréscimo de “hoje”. Por outro lado, é importante questionar: o uso de uma construção pronominal incorreta segundo a gramática normativa (o pronome átono “te” em início de sentença) caberia na tradução de um texto de aproximadamente um século atrás? Aqui, a sugestão do *ChatGPT* de fazer o texto “soar mais fluente e moderno” acaba comprometendo sua segunda promessa, pois a tradução não está exatamente “mantendo o tom original”.

Com relação à expressão “A bad business”, o termo “caso” permanece na nova solução tradutória, mas a colocação parece funcionar de forma bem mais natural no uso de “Caso sério” como opção, uma vez que essa construção denota inclusive uma expressão do próprio português.⁸ Entretanto, novamente, surge o questionamento acerca de essa expressão realmente caber em um texto de tantas décadas atrás.

A tradução de “heart failure” como “ataque do coração” demonstra uma continuidade na tendência de diminuição do registro do texto, uma vez que “heart attack” existe em língua inglesa, mas não foi a construção originalmente adotada por Christie, que opta por algo mais formal e utilizado na área médica.

Por fim, “Sarcasm is wasted on Caroline” é traduzido de forma realmente natural, utilizando-se “O sarcasmo, com Caroline, não funciona”, o que cumpre a promessa da ferramenta, de tornar “a leitura mais natural para um leitor brasileiro contemporâneo”.

De modo geral, é perceptível que a naturalização do uso da língua por parte do *ChatGPT* resulta em uma espécie de troca que resulta em um texto, por vezes, demasiadamente contemporâneo, em um registro altamente informal. E isso vai para além dos exemplos elencados para a análise. Uma outra ocorrência altamente ilustrativa é a tradução de “she is amazingly expert” como “e nisso é craque”. O advérbio longo “amazingly” acompanhado de um termo mais requintado como “expert” é transformado em algo bastante coloquial através da eliminação do advérbio e do uso de “craque”, termo comumente, embora não exclusivamente, associado ao mundo esportivo.

O que esses dados significam para os tradutores e os estudiosos da tradução?

Embora seja desafiador chegar a conclusões diante de uma amostra de dados relativamente pequena, algumas conjecturas podem ser traçadas diante dos pontos levantados. E a primeira delas seria acerca da relevância dos *prompts* no uso do *ChatGPT* enquanto ferramenta para a tradução literária.

⁸ “Caso sério” é identificado como expressão do português no dicionário *Michaelis online*, conforme pode ser conferido no link: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caso/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

As duas traduções apresentadas, uma delas com um *prompt* bastante simples, e a segunda gerada a partir de parâmetros mais específicos (nesse caso, sugeridos pelo próprio *ChatGPT*, mas que poderiam perfeitamente ter sido traçados por um ser humano), trouxeram abordagens tradutórias muito diversificadas para pontos cruciais do texto originário.

Por conta da percepção acerca de sua importância, a criação dos *prompts* tem sido tema de estudos frequentes na contemporaneidade. Um exemplo é aquele desenvolvido por Gao, Wang e Hou (2024, p. 1, tradução própria), no qual afirmam que a ferramenta *ChatGPT* tem demonstrado habilidades surpreendentes, mas que, por outro lado, “usar *prompts* ingênuos não permite liberar completamente a habilidade tradutória do *ChatGPT*”.⁹ A amostra estudada demonstrou isso na prática: a inserção de termos como “naturalidade” no *prompt* fez toda a diferença nos resultados obtidos.

No âmbito brasileiro, Pimentel e Berino (2025) discorrem sobre o uso do *ChatGPT* na educação, ressaltando “a necessidade de se fazer um uso crítico, reflexivo e criativo dessa IAGen” (p. 63). Eles apontam que são os usuários que determinam “como o *ChatGPT* deve agir” (p. 65). Essas discussões atreladas à educação levam a refletir sobre as novas nuances da formação de tradutores no Brasil, uma vez que a crescente predominância da inteligência artificial como ferramenta imposta no mercado de trabalho nacional passa a exigir que, cada vez mais, os centros de formação de tradutores sejam também centros de formação de usuários eficientes dessas tecnologias, o que inclui o treinamento para a elaboração de *prompts* eficientes.

Pimentel e Berino (2025, p. 63) ressaltam que é preciso, também, “duvidar das respostas geradas”, o que nos leva à segunda conclusão permitida pela análise apresentada: a contínua relevância do papel do pós-editor na tradução mediada por tecnologias. Apesar da resistência que ainda existe ao papel do pós-editor e da legitimidade dessa função, em especial no âmbito da tradução literária, Vieira (2019, p. 319, tradução própria) explana que “a pós-edição tem amadurecido como prática e como serviço, e adota uma ampla compreensão das tarefas de pós-edição, as quais refletem a mudança do papel da tradução por máquina nos processos tradutórios profissionais”.¹⁰ Diante desse novo cenário, a temida morte da profissão dos tradutores não se sustentaria: afinal, considerando o exemplo aqui estudado (de uma obra de literatura de massa sem grandes dificuldades), a tradução automática, mesmo com um segundo *prompt*, apresentou problemas de estilo que seriam identificáveis somente por um ser humano. Assim, mesmo em um segmento do mercado editorial no qual o uso mais amplo da tradução automática possa vir a se tornar realidade, diante da natureza prolífica e veloz da literatura de massa, o papel do profissional enquanto pós-editor permaneceria em segurança com as ferramentas disponíveis hoje (caso exista um compromisso real dos agentes do polissistema literário nacional com a qualidade do produto tradutório final).

Considerações finais

A análise aqui conduzida acaba por despertar mais perguntas do que respostas, abrindo portas para a investigação de muitas possibilidades futuras. Permanecendo somente no vasto

⁹ “Using naive prompts cannot fully unleash ChatGPT’s translation ability”.

¹⁰ “post-editing has matured as a practice and service and adopts an encompassing understanding of post-editing tasks that reflects MT’s changing role in professional translation processes”

universo de Christie, uma dessas possibilidades seria a análise de amostras mais amplas da obra da autora, considerando a abordagem do *ChatGPT* em diferentes momentos de um mesmo livro, e em livros diferentes.

Indo para além de Christie, mas mantendo ainda o enfoque no gênero romance policial, um estudo comparativo que considere a tradução gerada pela inteligência artificial para obras desse mesmo gênero literário produzidas em períodos históricos diferentes traria mais uma camada de análise bem-vinda às considerações iniciais aqui traçadas. Ademais, o teste de diferentes *prompts* para o mesmo texto literário, indo para além de duas opções somente, e para além das sugestões da inteligência artificial, seria um outro caminho promissor a ser explorado.

Como uma opção de expansão para além do romance policial, a comparação entre abordagens da inteligência artificial frente a diferentes gêneros literários, cotejando os resultados obtidos por exemplo para textos canonizados com aqueles gerados para a literatura de massa, seria também um caminho de pesquisa deveras interessante.

Considerando as possibilidades associadas às ferramentas de inteligência artificial generativa em si, o estudo de como o *ChatGPT* se comporta diante de textos que abordem temas sensíveis, como questões raciais, também teria potencial para uma abordagem futura. Um outro estudo, provavelmente muito frutífero, seria a comparação dos resultados tradutórios do *ChatGPT* com aqueles de outras ferramentas de inteligência artificial, como o *DeepL*.

Mesmo diante de tantos caminhos passíveis de investigação em novas empreitadas acadêmicas, já é possível concluir com base nas reflexões aqui conduzidas que a inteligência artificial generativa tem sim potencial enquanto ferramenta para a tradução, mas, no momento histórico atual, e com suas habilidades correntes, não é uma substituta para a ação do agente humano, mesmo em tarefas aparentemente simples como a tradução da literatura de massa.

Referências

- ARANHA, Gláucio; BATISTA, Fernanda. Literatura de massa e mercado. *Revista Contracampo*, n. 20, p. 121-131, 2009.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Tubarão: Copiart, 2013.
- ChatGPT. Disponível em: <https://chatgpt.com/c/6897765c-25dc-8330-ad26-aoafa283d463>. Acesso: 09 ago. 2025.
- CHRISTIE, Agatha. *The Murder of Roger Ackroyd*. New York: Dodd, Mead & Company, 1926.
- CHRISTIE, Agatha. *O assassinato de Roger Ackroyd*. Tradução de Renato Rezende. São Paulo: Editora Globo, 2007.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory. *Poetics Today*, Durham, v. 11, n. 1, p. 3-26, 1990.
- GAO, Yuan; WANG, Ruili; HOU, Feng. How to Design Translation Prompts for ChatGPT: an Empirical Study. In: *Proceedings of the 6th ACM International Conference on Multimedia in Asia Workshops*. 2024. p. 1-7. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3700410.3702123>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2011. p. 172-185.

LAMBERT, José; GORP, Hendrik van. On Describing Translations. In: HERMANS T. (ed.). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Londres & Sidney: Croom Helm, 1985. p. 42-53.

MAIDA, Patricia D.; SPORNICK, Nicholas B. *Murder she Wrote: a Study of Agatha Christie's Detective Fiction*. Bowling Green: Bowling Green University Popular Press, 1982.

NORMAN, Andrew. *Agatha Christie: the Finished Portrait*. Gloucestershire: Tempus, 2007.

O'NEILL, Jill. Repackaging Christie – Does AI Have a Role? *The scholarly kitchen*. Disponível em: <https://scholarlykitchen.sspnet.org/2025/03/04/the-mysteries-of-agatha-christie-how-will-ai-change-literary-scholarship/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

PIMENTEL, Mariano; BERINO, Aristóteles de Paula. GPT Paulo Freire: Conversando com uma simulação do Patrono da educação brasileira. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 11, n. 1, p. 63-83, 2025. DOI: 10.12957/riae.2024.86233. Acesso em: 9 ago. 2025.

VIEIRA, Lucas Nunes. Post-editing of Machine Translation. In: O'HAGAN, Minako (ed.). *The Routledge Handbook of Translation and Technology*. Londres: Routledge, 2019. p. 319-336.